

Livro oitavo

O POBRE MAU

I

MARIUS PROCURA UMA MULHER DE CHAPÉU E ENCONTRA UM HOMEM DE BONÉ

Passou o verão, depois o outono e veio o inverno. Em todo este tempo nem o senhor Leblanc nem a jovem tinham voltado ao Jardim du Luxembourg. Marius só tinha um pensamento: voltar a ver aquele rosto doce e adorável. Continuava a procurar, procurava em toda a parte e não encontrava nada. Já não era Marius, o sonhador, o entusiasta, o homem resoluto, ardente e firme, o ousado provocador do destino, o cérebro que arquitetava futuros sobre futuros, o jovem espírito cheio de planos, de projetos, de orgulhos, de ideias e de vontades; era um cão perdido. Caiu numa tristeza profunda. Estava tudo acabado. Não tinha vontade de trabalhar, os passeios fatigavam-no, a solidão deixava-o triste; a vasta natureza, outrora tão cheia de formas, de fulgores, de vozes, de conselhos, de perspectivas, de horizontes, de lições, era agora um vazio para ele. Parecia-lhe que tudo tinha desaparecido.

Passava o tempo a pensar, já que não podia fazer outra coisa; mas já não tinha prazer nos seus pensamentos. A tudo o que esses pensamentos continuamente lhe propunham em voz baixa, Marius respondia sombriamente: «Para quê?»

Fazia a si próprio inúmeras recriminações. «Por que razão a segui? Bastava-me vê-la e já ficava tão feliz! Ela olhava para mim. Isso não era já muito? Dava impressão de gostar de mim. Não era tudo? O que mais queria eu? Depois disto, não há mais nada. Foi absurdo o que fiz. A culpa é minha, etc., etc.» Courfeyrac — a quem Marius, como era próprio do seu carácter, nunca fazia confidências, mas que adivinhava quase tudo, como também era próprio da sua maneira de ser — um pouco admirado, de resto, tinha começado por lhe dar os parabéns por estar apaixonado; depois, ao ver que o amigo tinha caído naquela melancolia, acabou por lhe dizer: «Vejo que não passas de um burro. Olha, vem até à Chaumière!»

Uma vez, Marius, fiando-se num belo sol de setembro, tinha deixado que Courfeyrac, Bossuet e Grantaire o levassem ao baile de Sceaux, na esperança — que sonho! — de talvez a encontrar. É claro que não viu a mulher que procurava.

— No entanto, é aqui que se encontram as mulheres que perdemos — murmurava Grantaire num aparte.

Marius deixou os amigos no baile e voltou para casa a pé, só, cansado, febril, com os olhos turvos e tristes no meio da escuridão, aturdido com o barulho e com o pó levantado pelos alegres carros de aluguer cheios de criaturas a cantar que voltavam da festa e passavam por ele, desalentado, aspirando o cheiro acre das nogueiras que ladeavam a estrada, para refrescar o cérebro.

Voltou a viver cada vez mais solitário, desvairado, acabrunhado, completamente entregue à sua angústia interior, andando às voltas em torno da sua dor como o lobo dentro da armadilha, procurando por toda a parte a ausente, endoidecido de amor.

Noutra ocasião, teve um encontro que lhe provocou uma sensação involuntária. Numa das estreitas ruas próximas do boulevard des Invalides, cruzou-se com um homem vestido de operário, com um boné de pala comprida na cabeça, por baixo do qual lhe saíam umas madeixas muito brancas. Impressionado com a beleza daqueles cabelos brancos, pôs-se a olhar para aquele homem que caminhava em passos lentos e como que absorto numa meditação dolorosa. Coisa estranha! Pareceu-lhe reconhecer o senhor Leblanc. Eram os mesmos cabelos, o mesmo perfil, tanto quanto o boné deixava ver; o mesmo porte, mas de aspeto mais triste. Mas porquê aquele fato de operário? O que é que aquilo queria dizer? O que significava aquele disfarce? Marius ficou espantado. Quando voltou a si, o seu primeiro impulso foi seguir aquele homem; quem sabe se, através dele, não encontraria o rasto de quem procurava? Em todo o caso, era necessário voltar a ver o homem de perto e esclarecer o enigma. Mas quando tomou esta decisão, era demasiado tarde, porque o homem já tinha desaparecido. Tinha tomado alguma ruela lateral, e Marius não foi capaz de tornar a encontrá-lo. Este encontro deixou-o preocupado durante alguns dias e depois varreu-se-lhe da memória.

«Afinal de contas», disse consigo, «talvez não passasse de uma semelhança.»

II

UM ACHADO

Marius continuava a morar no casarão Gorbeau. E não dava atenção a nada.

Para dizer a verdade, nessa época, os únicos moradores do casarão eram ele e esses Jondrette, a quem uma vez pagara a renda, sem nunca, de resto, ter falado com o pai ou com as filhas. Os outros inquilinos tinham mudado de casa ou morrido, ou tinham sido expulsos por falta de pagamento.

Num dia daquele inverno, o sol tinha dado um ar da sua graça na parte da tarde, mas estava-se a 2 de fevereiro, dia da antiga festa de Candelária, cujo sol traiçoeiro, precursor de um frio de seis semanas, inspirou a Mathieu Lænsberg estes dois versos, que com justiça se tornaram clássicos:

*Quer brilhe o sol ou haja luzerna,
O urso volta sempre pra caverna.*

Marius acabava de sair da sua própria caverna. Estava a fazer-se noite. Eram horas de jantar, porque tinha necessidade de retomar o hábito de jantar. Ai, fraquezas das paixões ideais!

Acabava de transpor o limiar da porta que a tia Bougon andava a varrer naquele momento, enquanto ia proferindo este memorável monólogo:

— Hoje em dia o que é que é barato? Está tudo caro. A única coisa barata são os trabalhos deste mundo; mas os trabalhos deste mundo não valem nada!

Marius subia vagarosamente o boulevard em direção à barreira, a fim de chegar à rue Saint-Jacques, pensativo e de cabeça baixa.

De repente, no meio da bruma, sentiu que lhe davam uma cotovelada; voltou-se e viu duas jovens esfarrapadas, uma alta e magra, e outra um pouco mais baixa, que corriam, esbaforidas, assustadas e com ar de irem a fugir; vinham em sentido contrário, não o viram, e esbarraram com ele. Por entre o crepúsculo, Marius distinguiu-lhes os rostos lívidos, as cabeças despenteadas, os cabelos soltos, as saias esfarrapadas e os pés descalços. Iam a correr e a falar uma com a outra. A mais alta dizia em voz baixa:

— Os guitas vieram. Cercaram-me e foi por um triz que não me levaram de cana.

A outra respondia:

— Eu bem os vi. Dei logo de frosques, dei de frosques e pus-me na alheta!

Marius entendeu, através desta gíria sinistra, que os gendarmes ou os guardas municipais estiveram quase a apanhar aquelas duas miúdas e que estas lhes tinham escapado.

As duas jovens desapareceram debaixo das árvores do boulevard, atrás de Marius, e durante alguns instantes formaram naquela escuridão uma espécie de mancha branca que se esfumou.

Marius ficou parado um momento.

Ia continuar o seu caminho, quando viu no chão, aos seus pés, um pacote pardo. Baixou-se e pegou nele. Era uma espécie de sobrescrito que parecia conter uns papéis.

— Olha, aquelas desgraçadas deixaram cair isto! — disse ele.

Voltou para trás, chamou-as, mas já não as viu; pensou que já estavam longe, meteu o pacote no bolso e foi jantar.

No caminho, numa viela da rue Mouffetard, viu o caixão de uma criança coberto com um pano preto, posto em cima de três cadeiras e alumiado por uma vela. Vieram-lhe à ideia as duas miúdas do crepúsculo e pensou:

— Pobres mães! Há uma coisa ainda mais triste do que ver morrer os filhos; é vê-los viver mal.

Depois, estas sombras, que lhe causaram outras tristezas, saíram-lhe do pensamento e voltou a cair nas preocupações habituais. Voltou a pensar nos seus seis meses de amor e de felicidade, ao ar livre e em plena luz do dia, debaixo das belas árvores do Jardin du Luxembourg.

— Como a minha vida se tornou sombria! — dizia consigo. — As raparigas estão sempre a aparecer-me. Só que antes eram anjos e agora são vampiras.

III

«QUADRIFRONS¹»

À noite, quando estava a despir-se para se ir deitar, pôs a mão no bolso do casaco e encontrou o pacote que tinha apanhado no boulevard. Tinha-se esquecido dele. Pensou que devia abri-lo porque talvez lá dentro houvesse o endereço daquelas duas raparigas, se é que o embrulho, de facto, lhes pertencia, e, em qualquer caso, podia até ter as informações necessárias para o devolver à pessoa que o tinha perdido.

Abriu o sobrescrito.

Não tinha selo e continha quatro cartas que também não estavam seladas. Todas tinham destinatário.

As quatro exalavam um cheiro horrível a tabaco.

A primeira era dirigida à *Senhora Marquesa de Grucheray, na praça defronte da Câmara de Deputados, n.º...*

Marius pensou que talvez ali encontrasse as indicações que procurava e, que, de resto, como a carta não estava fechada, era verosímil que podia ser lida sem inconveniente.

A carta dizia o seguinte:

«Senhora Marquesa,

«A virtude da clemência e da piedade é a que mais estreitamente une a suciedade. Dê largas aos seus sentimentos cristãos, e dê um olhar de compaixão a este infeliz ispanhol, vítima da sua lialdade e afeto à sagra-da causa da legitimidade, pela qual verteu o seu sangue e arruinou toda a sua fortuna, tudo para defender esta causa, vendo-se hoje na maior mi-zéria. Não duvida de que a sua honorável pessoa lhe consederá algum socorro para conservar uma existênsia extremamente penosa para um militar educado, honrado e coberto de feridas. Conta antecipadamente com os sentimentos da humanidade, senhora marquesa, que animam Vossa Excelênsia, e com o intresse que sempre tem mostrado por uma nação tão desventurada. As suas preces não serão em vão e o seu reco-nhessimento guardará a sua encantadora recordação.

«Com os meus respeitosos cumprimentos, tenho a honra de ser,

«Minha senhora,

«D. Alvarès, capitão ispanhol de cavalaria, monárquico refujiado em França, que se dispõe a viajar para a sua pátria e lhe faltam recurssos para continuar a viagem.»

Não havia nenhum endereço a acompanhar a assinatura. Marius teve a esperança de encontrar o endereço na segunda carta, que era dirigida à *Senhora Condessa de Montvernet, rue Cassette n.º 9*.

Eis o que Marius leu:

«Senhora Condessa:

«É uma infeliz mãe de família com seis filhos, cujo ultimo tem só oito meses. Eu, doente desde o ultimo parto, abandonada á cinco meses por meu marido, sem recurso nenhum no mundo e na mais horrorosa indijência.

«Com a esperança na senhora condessa, tenho a honra de ser, minha senhora, com o mais profundo respeito,

«Senhora Balizard.»